Capítulo XXVIII — Glória do bom Ladrão

> **Sumário.** A glória dos santos proporcionada à sua caridade. — Todas as virtudes definidas pela caridade. — Doutrina de santo Agostinho. — Heroísmo da caridade de são Dimas. — Grandeza de sua glória. — Cinco privilégios de são Dimas. — Primeiro privilégio. — Fiel cópia de Jesus crucificado. — Semelhança exterior. Palavras de são Bernardino de Sena. — Semelhança interior. — Palavras do mesmo santo. — Segundo privilégio. — Advogado do Filho de Deus. Nobre causa a defender. — Sublime defesa de são Dimas. — Coragem do advogado. Reconhecimento do divino Cliente. — Terceiro privilégio. — Único pregador da divindade de Jesus.

São Paulo disse esta bela e profunda palavra: a caridade é o laço da perfeição: *Vinculum perfectionis*. Deus é a própria perfeição; e Deus é caridade, acrescenta são João: *Deus charitas est*. A caridade, que une o homem a Deus, é, pois, para o homem o laço da perfeição. Quanto mais estreito o laço, maior a perfeição. Daí vem, em primeiro lugar, que, na terra, o mérito das virtudes se tira da caridade e por ela se regula.

Santo Agostinho chega mesmo a definir todas as virtudes pela caridade.

> *Se a virtude nos conduz à vida bem-aventurada — diz o grande doutor —, afirmo que a virtude não é outra coisa senão o supremo amor de Deus. As diferentes virtudes são apenas as diversas aplicações da caridade, e não hesito em definí-las da seguinte maneira: a fé é o amor que crê; a esperança, o amor que espera; a paciência, o amor que suporta; a prudência, o amor que julga com discernimento; a justiça, o amor que dá a cada um o que lhe pertence; a fortaleza, o amor corajoso para agir; a temperança, o amor que se reserva inteiro para o objeto amado.*[1]

Daí vem, em segundo lugar, que, no céu, a caridade dos santos é a medida de sua glória essencial. Ora, vimo-lo, a caridade de Dimas elevou-se ao heroísmo. Foi, pois, heroicamente crente, heroicamente esperançoso, heroicamente paciente, prudente, justo, forte e temperante. Acrescentemos que a sua caridade se manifestou em meio a circunstâncias de todo excepcionais; o que lhe vale, no céu, cinco prerrogativas ou privilégios que nenhum santo partilha com ele.

Entre os inumeráveis habitantes da Jerusalém celeste, são Dimas gozará durante toda a eternidade, e gozará sozinho, da glória de ter sido: 1.º a fiel cópia de Jesus crucificado; 2.º o advogado do Filho de Deus; 3.º o único pregador de sua divindade; 4.º o companheiro de todas as dores da Santíssima Virgem; 5.º a figura de todos os eleitos.

1.º São Dimas foi a fiel cópia de Jesus crucificado.

Assemelhar-se à mais bela de todas as criaturas humanas: quem não se orgulharia disso? Assemelhar-se a um anjo: que glória! Mas assemelhar-se a um Deus: que prerrogativa! É a do bom Ladrão. Tal proposição vos espanta, talvez vos escandalize. Que semelhança, dizeis, pode haver entre o Justo por excelência e um celerado até então coberto de crimes? Entre a alma de Jesus, mais branca que a neve, e a alma de um ladrão mais negra que as trevas de que o Calvário estava envolto?

Tranquilizai-vos. Primeiro, Dimas já não é Dimas. Como o fogo purifica o ouro e lhe dá um brilho ofuscante; como a água do batismo purifica a alma da criança e a reveste de incomparável beleza; assim a graça purificou a alma desse ladrão e fez dela, para os anjos e para Deus, objeto de infinito comprazimento.

Além disso, a semelhança particular consiste em que, de todos os membros do corpo místico de Nosso Senhor, Dimas é o único que sofreu corporalmente o suplício da cruz na companhia de nosso divino Chefe.[2] Ora, quem se assemelha mais a um crucificado do que um crucificado? Nem pelo tempo, nem pelo lugar, nem pela maneira, a semelhança exterior deixa, pois, nada a desejar.

Resta a semelhança interior. Sem dúvida, Dimas sofria para expiar os seus crimes, e Nosso Senhor para expiar os do mundo. Mas, depois de sua conversão, o bom Ladrão tornara-se membro vivo de Jesus Cristo. Desde então, as suas dores e a sua morte, suportadas com paciência, faziam dele um Redentor pessoal, morrendo para resgatar-se a si mesmo; semelhante, ao menos em parte, ao Redentor universal que morria para resgatar todo o gênero humano.[3]

Há mais: ao tornar-se membro de Nosso Senhor, Dimas tornava-se membro da comunhão dos santos. Como são Paulo, podia dizer com toda a verdade:

> *“cumpro na minha carne o que resta a padecer a Jesu Christo pelo seu corpo, que he a igreja.*[4]

Se, pois, segundo o mesmo apóstolo, os cristãos batizados trazem em si mesmos a semelhança de Nosso Senhor, quanto mais viva não aparece essa augusta semelhança no bom Ladrão, batizado em seu sangue, batizado primeiro, batizado ao lado mesmo do Redentor em pessoa!

2.º São Dimas foi o advogado do Filho de Deus. No dia em que o Rei do céu e da terra foi condenado a morrer como um malfeitor, Jerusalém contava talvez mais de um milhão de homens, quer habitantes da cidade, quer estrangeiros vindos de todas as partes do mundo para assistir às festas da Páscoa. Em relação ao divino Condenado, a imensa população dividia-se em dois

campos: o campo dos inimigos de Jesus de Nazaré e o campo de seus partidários.

Jesus, manietado, esbofeteado, cuspido, é arrastado pelas ruas da cidade, de Caifás a Pilatos, de Pilatos a Herodes, de Herodes a Pilatos. No campo de seus inimigos, acusações e vociferações contínuas. No campo de seus amigos, silêncio absoluto. Pilatos o mostra ao povo, coberto de chagas, coroado de espinhos: no campo inimigo, gritos de morte universais. No campo dos amigos, silêncio absoluto.

Sobe ao Calvário, carregado com a sua pesada cruz e em estado capaz de enternecer os rochedos. Os mesmos clamores no campo inimigo; o mesmo silêncio da parte dos amigos. É erguido em cruz; as injúrias, as zombarias, as acusações, as blasfêmias de seus inimigos sucedem-se como fogo cerrado e repetem-se ao longe pelos ecos em redor. Entre os seus amigos, nem um só ousa erguer a voz para defendê-lo.

E contudo que nobre causa! Ah! se lhes fosse dada a permissão, quantos milhões de anjos desceriam do céu, rápidos como o relâmpago, luminosos como o sol, e viriam confundir os seus inimigos, revelar a sua divindade, a sua onipotência e o seu amor infinito pelos homens, causa voluntária de suas humilhações, de suas dores e de sua morte! Mas quê! não fará Deus a nenhuma criatura do céu e da terra a honra de pleitear por seu Filho? Sim, fá-lo-á, e a razão humana será eternamente impotente para medir a imensidade de tal favor.

No meio do silêncio consternado de todos os amigos de Jesus e das vociferações sanguinárias de seus inimigos, uma voz se ergue, uma só, para defender o Justo: é a voz de Dimas. Sua defesa é sublime de coragem e de eloquência. O intrépido advogado enfrenta o furor de todo um povo de carrascos, senhores de sua vida, e numa palavra diz tudo: Jesus é inocente: *Hic autem nihil mali gessit* (*«mas este nenhum mal fez»*).

Reportemo-nos às circunstâncias de tempo e de lugar em que essa defesa é pronunciada; à posição do advogado que a pronuncia; e figuremo-nos não já a glória de ter sido escolhido, entre todos os anjos do céu e todos os habitantes da terra, para tal ministério; mas o reconhecimento do Salvador moribundo, e moribundo em meio a suplícios, abandonado por seus mais fiéis amigos, para com o único defensor de sua inocência, o único consolador de suas mortais angústias.

Queremos ter uma fraca ideia de um e de outro? Suponhamos um rei arrancado de seu trono, despojado de sua púrpura, levado diante de um tribunal como um malfeitor vulgar, e de quem todos os grandes oficiais, todos os vassalos, todos os cortesãos, cumulados de seus benefícios, se afastaram da pessoa na hora do perigo. Traído por uns, renegado por outros, abandonado de todos, injustamente condenado a morrer num patíbulo, esse monarca infortunado lança os olhos em redor, procurando em vão alguém que o defenda e o console. De repente, um de seus mais humildes súditos, por longo tempo rebelde enquanto o seu rei estava na prosperidade, pede-lhe publicamente perdão, toma-lhe a causa nas mãos, proclama a sua inocência e faz empalidecer os seus carrascos.

Se esse rei subisse de novo ao trono, ou fosse reinar noutro lugar, deixamos a pensar qual seria o seu reconhecimento para com o seu corajoso advogado; de que honras o cumularia e de que poder seriam junto ao monarca as suas recomendações e até os seus menores desejos. Como todo o

reino, inclusive os maiores personagens, o olhariam com admiração; como se inclinariam diante dele e diriam ao vê-lo passar: Eis o defensor do rei! Quantas súplicas lhe seriam dirigidas, e como se ambicionaria o seu favor! Dobrai, triplicai a força dos sentimentos e dos pensamentos que essa suposição inspira: mal teremos uma fraca ideia do reconhecimento de Nosso Senhor, reinando na glória, e do poder de Dimas sobre o seu coração.

> *Dai-me — diz são Crisóstomo — mil servos fiéis a seu senhor enquanto goza de fortuna e honras; e um servo que, no tempo da provação, da aflição e do exílio, não deixe o seu senhor, enquanto os outros mil se afastam dele e o abandonam. Ao voltar a fortuna, serão os primeiros tão considerados quanto o segundo? Não, certamente. Patriarcas, profetas, apóstolos, evangelistas, mártires, crestes no Senhor, apegastes-vos a ele porque o vistes no esplendor de sua glória, no cumprimento de seus milagres; mas o bom Ladrão só o viu na ignomínia, e permaneceu-lhe fiel.*[5]

3.º São Dimas foi o único pregador da divindade de Jesus crucificado. A defesa do bom Ladrão tem duas partes. Na primeira, o corajoso advogado proclama a inocência de seu cliente: Jesus não fez mal algum, *hic autem nihil fecit*. Na segunda, proclama-lhe a divindade: *«Senhor, lembra-te de mim, quando entrares no teu reino»*, *memento mei, cum veneris in regnum tuum*. De que reino fala são Dimas? Evidentemente, não é de um reino deste mundo, pois Nosso Senhor ia morrer, e morrer pobre e desprovido de tudo; mas do reino do outro mundo, isto é, do céu, onde Jesus ia entrar por sua morte e de que o ilustre apologista reconhece e declara que a propriedade lhe pertence. Ora, a quem pertence em toda propriedade o reino dos céus, senão a Deus e só a Deus? Eis o que faz o bem-aventurado Dimas, e ninguém, senão ele, ousa fazê-lo. Não é isso um glorioso privilégio?

Se era preciso coragem para proclamar a inocência do Salvador, era preciso mil vezes mais para proclamar-lhe a divindade. Dizer que Jesus era inocente era irritar os judeus; mas sustentar que era Deus era provocar os sarcasmos mais sangrentos.

> *Insensato! — ia dizer, meneando a cabeça, uma populaça estúpida —: que lembrança pode guardar de ti, que reino pode dar-te esse malfeitor que crucificamos como a ti e que vai morrer contigo? Tu o proclamas Deus, e ele é menos que um homem.*

Dimas não se deixa abalar. A despeito da sinagoga e de todo um povo de insultadores, persevera heroicamente em seu pedido. É esse um pequeno privilégio?

Se a fé não tivesse iluminado a alma do glorioso evangelista com uma luz extraordinária, credes que teria descoberto um Deus sob o envoltório de um supliciado? Credes que teria posto todas as suas esperanças num homem que tinha ar de culpado expiando seus crimes, e não do Desejado

das nações tão magnificamente predito? E essa fé excepcional, tão firme, tão viva, tão clara, em tal tempo, em tal lugar, em meio a tal concurso de circunstâncias, teríeis a coragem de olhá-la como uma graça ordinária? Quanto a mim, tenho-a, com os santos Padres, por um dos mais gloriosos privilégios do bem-aventurado Dimas. *«Em verdade vos afirmo, que não achei tamanha fé em Israel.»*[6]

Notas

[1] *Quod si virtus ad beatam vitam non ducit, nihil omnino esse virtutem affirmaverim, nisi summum amorem Dei*, etc. («Se a virtude não conduz à vida bem-aventurada, afirmaria que a virtude nada mais é senão o sumo amor de Deus», etc.) *De Morib. Eccl. cath.*, cap. XV, n.º 25; e *Enarrat.* 2 *in ps.* 31 e *passim*.

[2] *Solus etenim Latro iste inter Christi membra corporaliter passus est supplicium crucis simul cum ipso. Nec hoc privilegium convenit alteri cuicumque.* («Só esse Ladrão, com efeito, entre os membros de Cristo, sofreu corporalmente o suplício da cruz juntamente com ele. Nem este privilégio convém a qualquer outro.») S. Bernardino, Serm. LI, *fer.* VI, *Post. Dom. Oliv.*, p. 332, edição *in-fólio*, Paris, 1635.

[3] *Nec tamen obstat, quod pro suis sceleribus crucifixus fuit quia post plenam conversionem fuit legitimum membrum Christi, et ex tunc pœna sua configurata fuit similitudini mortis ejus.* («Nem obsta que tenha sido crucificado por seus crimes, porque, depois da plena conversão, foi legítimo membro de Cristo e, desde então, a sua pena ficou configurada à semelhança de sua morte.») S. Bernardino, *ubi supra*.

[4] Cl 1, 24.

[5] *Tu vero mihi mille famulos Domino servientes, siste, quo tempore ille prospera fortuna et honoribus fruitur: et unum servum qui in tempore tentationis, afflictionis et exilii a Domino suo non recedat; illos autem mille servos, qui tentationis in tempore et exilii Dominum deseruerint ac recesserint: numquid hi prospera favente fortuna servi, qui tentationis tempore Dominum reliquerunt, pares esse possunt ei, qui rebus in adversis Dominum est sequutus? Nequaquam*, etc. («Põe-me diante mil servos que servem ao Senhor no tempo em que ele goza de próspera fortuna e honras; e um servo que no tempo da tentação, da aflição e do exílio não se afaste de seu Senhor; e aqueles mil servos que, no tempo da tentação e do exílio, abandonaram o Senhor e se afastaram: porventura esses servos de próspera fortuna, que no tempo da tentação deixaram o Senhor, podem ser iguais àquele que o seguiu nas adversidades? De modo algum», etc.) *De Cæco nato*, *ubi supra*.

[6] *Vere non invenit Christus tantam fidem in Israel, imo nec in toto mundo.* («Em verdade, Cristo não achou tamanha fé em Israel, nem mesmo em todo o mundo.») S. Agostinho, Serm. XLIV, *De Tempor.* — Cf. Mt 8, 10.

Revision #1
Created 25 November 2026 00:40:30 by Admin
Updated 25 November 2026 00:40:30 by Admin